

FRANCISCO FERREIRA  
BARRETO

—  
INSPIRAÇÕES  
DE DAVID







# INSPIRAÇÕES

DE

## DAVID.

### PARAPHRASES

DO PSALMO L. MISERERE MEI DEUS, E DE  
ALGUNS PSALMOS MAIS, EM VERSO PORTU-  
GUEZ, E ILLUSTRAÇÕES AO MESMO PSAL-  
MO MISERERE.

POR

*Francisco Ferreira Barreto,*

Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, e da  
de Christo, Prégador da Imperial Capella;  
Examinador synodal do Bispado de Pernam-  
buco, Adjunto da Associação da Fé no  
mesmo Bispado, Director do Lycêo Per-  
nambucano, Deputado á Assembléa pro-  
vincial, e Pároco collado na Igreja  
Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves  
do Recife.



### PERNAMBUCO.

TYP. IMP. DE L. I. R. RÔMA.

1844.



*Mo Ex. <sup>mo</sup> e R. <sup>mo</sup> Gr.*

**DOM THOMAZ DE NORONHA,**

**BISPO RESIGNATARIO DE OLINDA,**

## **DEDICATORIA.**

*Estro inculto, acanhado,  
A montanha profetica visita :  
De Sião se arremeça,  
Poisa no alcaçar da virtude augusta,  
E ao Pontifice egregio,  
Que foi de Olinda exemplo,  
Inclina a fronte, em jubilo banhado,  
Grato, curva o joelho,  
Beija-lhe as sacras, venerandas vestes,  
E, no Luso idioma  
(Dedilhando o Psalterio)  
Do vate de Israel lhe offerta o canto.*



## **DISCURSO PREVIO.**



## DISCURSO PREVIO.

**A**S commoções politicas da minha Patria fizerão, que eu emigrasse para Lisboa, aonde me achei em Abril de 1852. Portugal era então o teathro de uma guerra assoladora, entretida pelos dous Principes da Caza de Bragança, e a este espectaculo terrivel, veio, bem depressa, unir-se outro, muito mais assustador, e doloroso.

A *cholera morbus*, que devastava a Russia, a Prussia, a Alemanha, a França, e a Inglaterra, devastou finalmente Portugal de um modo inexplicavel. Na Capital de um Reino florente, e populoso, cujos habitantes, em seu tumulto, e agitação diaria, parecião as ondas de um mar vasto, e fluctuante, achei-me de repente, e como por encanto, no meio do silencio dos tumulos. Diante

da ira de Deus tudo era mudo, como o marmore. Olhei, e só vi lagrimas, e a morte : vi a libertinagem tremula, e o seu orgulho humilhado. O Anjo Exterminador tinha descarregado o seu braço, e a destruição marchava obediente de familia em familia. A morte devorava as suas victimas com a presteza do raio, e para o dizer com a bella expressão de um dos Oradores Portuguezes : Gerações, quasi inteiras, desapparecião n'um momento, como as folhas sêcas de uma arvore, que se precipitão, e se somem, ao abalo, e redominho dos ventos. Procissões de cadaveres surgião de todos os lados, e se encontravão umas com as outras. Os Cemiterios erão poucos, e quasi não bastavão os campos. Os Personagens mais illustres, por seu nascimento, e que contavão nos Templos sumptuosos da Corte, Mausoleos soberbos, carregados de inscripções, erguidos á memoria de seus antepassados, tinhão no êrmo, e solitario campo de Ourique a mesma sepultura, que se dava ao mendigo. E-

ra no calor das contestações, e dos partidos, e uma só habitação continha, e estreitava os homens de todas as opiniões. Pararão as solemnidades, emudecerão os campanarios, e só se escutava nas Igrejas o som pausado, e monotono das preces, que os Sacerdotes enviavão ao Céo pela saude publica.

Nesta angustia, nesta dissolução geral, rompia um grito de dor, e ouvia-se algumas vezes, ao tranzitar pelas ruas de Lisboa — Donde veio uma tal enfermidade ! . . . Tudo vai ficando dezer-to ! . . . Pois Deus não está satisfeito ? — E Deus não lhes respondia, senão por novos golpes, e por novas desgraças. Erão os dias da pompa, e dos triunfos da morte.

Ferido, e aterrado, voltei meu coração para aquelle, que é todo misericordia, e principiando, em verso, a traducção do Psalmo *Miserere*, não a pude ultimar, porque um dia, depois de a ter começado (a 14 de Junho daquelle anno) fui comprehendido no numero dos castigados pela Justiça Divina ;

achei-me no rol dos moribundos ; e esti-  
próximo para subir ao Juizo de Deus :  
mas eu o invoquei nos instantes da mi-  
nha tribulação, e elle se dignou de sal-  
var-me. Restituido depois à Pernam-  
buco, minha Patria, completei esta Pa-  
raphrase, em que se não encontrão os  
atavios poeticos, nem o adorno d'Arte.  
As composições deste genero exigem  
simplicidade, e sentimento, que forão  
sempre a linguagem do coração. O en-  
thusiasmo da humildade, e da ternura,  
consiste em movimentos brandos, nas  
paixões doces, e suaves, que dão um  
caracter sublime à expressão, sem a  
confundir com o tumulto, e violencia  
das producções do orgulho.

Escolhi, de proposito, a metrificação  
mais popular para a primeira traduc-  
ção, e trabalhei, especialmente nella,  
para que não fosse tão afastado, e re-  
dundante, como alguns ; e aprovei-  
tando-me da oportunidade, juntei com  
as versões do *Miserere* as de alguns ou-  
tros Psalmos, que havia traduzido.

---

## **QUADRO POETICO.**



# O MOTIVO HISTORICO

DO

## PSALMO CINCOENTA.

(QUADRO POETICO)

**D**AVID descobrio do terraço do seu Palacio uma mulher extremamente linda, que se banhava, sem presumir, que a vissem. O Monarca de Israel com um olho ávido, lhe devora os encantos, nesses momentos, em que o pudor desapercebido não toma precauções, nem reservas.

Inquieto depois por esta scena imprevista, que revolve suas paixões, fervendo em pensamentos, e desejos, elle ordena, que se inquirá averiguadamente, quem seja este objecto amavel.  
« He Bethsabéa (lhe dizem já de volta os seus messageiros) Bethsabéa, filha de Elião, e esposa de Urias Hetheo ».

A palavra *esposa* deve murchar as esperanças no coração do Rei, assim co-

mo o nome de *Urias* lhe recorda promptamente um bravo do seu exercito, postado no sitio de Rabba, contra os Ammonitas. A paixaõ repelle estas idéas, que a sanctidade do Decalogo, e o reconhecimento tinhaõ feito nascer, e o Rei só se lembrou, de que era homem.

A formozura foi introduzida, furtivamente, nos Paços do Senhor da Júdea. O thalamo nupcial foi manchado. Um fructo criminoso deste amor execrando vem revelar aos Póvos o attentado do seu Príncipe.

O Monarca procura entaõ palliar o seu crime, mas naõ lhe surtindo effeito os seus subterfugios, resolve unir o homicidio ao adulterio. O consorte illudido, e infeliz, é mandado collocar no ponto mais arriscado do combate, e entregue com os seus irmãos d'Armas, ao furor dos contrarios. Cortado pelo ferro inimigo, *Urias* purpurêa a terra com o seu sangue, braceja com a morte, e espira, cheio de valor, pugnando pela Patria, victima de um Príncipe,

que o tem trahido duas vezes, e longe dos encantos de uma joven esposa, que elle idolatra, e que julga fiel.

David goza entaõ do ensanguentado prazer da sua impudicicia, e a belleza, arrancada do leito conjugal, vem ainda augmentar o esplendor de um Throno, cercado de victorias. Bethsabéa foi esposa do Rei.

Mas o Céo naõ podia ser surdo ao grito da innocencia ultrajada, e moribunda. O Espírito de Deus agita o Prophetá Nathan. Este homem de virtude estremece com as revelações, que o Céo lhe faz de tanta iniquidade. Sua imaginaõ terrivel he abrazada pelo zélo, e se torna rica dos flagellos, que elle vai dessexar em borbutaõ sobre a caza de Judá. O sôpro do Senhor o arremeça com a velocidade do raio pelos salões adulteros do Monárcha homicida. Elle atravessa soberbas ordens de columnas, penetra emfim até o Throno, e se coloca defronte do delinquente Real. O semblante respeitioso do Prophetá conserva alguma couza de formidavel, e

a sua longa barba augmenta a venerabilidade do seu rosto. Tranquillo, e cheio de segurança, elle surprehende por este porte grave, e desassombrado, que só pode ter a virtude, quando reprehende o crime.

Elle começa por uma Parabola simples, mas energica Sua voz he pezada, e tem o accento da melancolia.

« Havia em uma cidade dous homens ( disse elle, depois de alguns instantes de silencio ) um era rico, outro pobre. O rico tinha grandes manadas, rebanhos numerosos, e via os valles, e o cume das montanhas branquejando com as suas ovelhas, á semelhança dos campos com os flocos da neve nas manhãs invernosas O pobre nada mais possuia, do que uma ovelhinha, que elle havia comprado ; que elle creára ; que tinha crescido em sua caza juntamente com scus filhos ; que comia do seu pão ; que bebia pelo seu mesmo copo ; dormia em seu mesmo regaço ; e era para elle como filha. Um viajante veio

« ver o rico, mas este naõ quiz tocar  
em uma só das suas ovelhas, para lhe  
fazer hospedagem : arrancou a ove-  
lhinha do pobre, e banqueteou com  
ella o estrangeiro, que veio a sua ca-  
za. » O Rei, sem se poder conter, sólta  
um grito de indignaõ, e interrompe o  
Propheta « Juro pelo Senhor, (diz Da-  
vid) que um homem tal é digno de  
morte, e terá de pagar o quadruplo,  
pela injustiça, que fez ao desgraçado. »

Aqui a colera do Ceo inflamou o rosto do homem de Deus. O sobrolho do Propheta se enruga, e os seus olhos fuzilaõ, como o relampago : sua voz, até ali compassada, mudou-se de repente, e as ameaças se precipitarão dos seus labios n'um som terrivel, como uma torrente, que se despenha do alto, e que se quebra, fervendo, sobre grandes lagedos : as abobadas do Palacio criminoso retumbão, e parece, que se esboroão sobre a terra.

« Pois tu és este homem (trovejou o Propheta). Escuta o que te diz o Senhor Deus de Israel.

« Ungi-te Rei; livrei-te de Saul; dei-  
te a sua mesma caza; entreguei-te  
suas mulheres; constitui-te na pos-  
sessão de Israel, e de Judá, e obraria  
prodigios mais espantosos, se isto fos-  
se pouco. Ah ! . E porque des-  
presaste tu minhas palavras ? Por-  
que commetteste o mal diante de meus  
olhos ? Porque fizeste Urias perecer  
aos golpes do ferro ? Porque tomaste,  
por esposa, a que era sua ? Porque o  
assasinaste, e com a mesma espada  
dos filhos de Ammon ? Ouve-me. O  
sangue, e a destruição serão insepa-  
raveis do teu mesmo Palacio. Meus  
vingadores hão de rebentar da tua fa-  
milia. Tomarei tuas mulheres, e as  
entregarei a tua vista á um, que te é  
bem proximo. A tua deshonra se ha-  
de ver aos olhos deste sol. Tu perpe-  
traste o delicto nos escondrijos, e nas  
trevas, mas eu te farei tudo isto á vis-  
ta de Israel em pêzo, na claridade, e  
nas torrentes desta luz, que cerca os  
teus vassalos. »

Palido, e atalhado por um torpor de

morte, parecendo-lhe, que a terra se abre de baixo dos seus pés, frio, e gelado, como o marmore, David disse á Nathan « Pequei contra o Senhor ». Torna-lhe então o Propheta « Elle trans- « ferio o teu peccado, e tu não morre- « rás : perecerá porem aquelle, que « veio ao mundo por causa do teu de- « licto » Disse, e ausentou-se.

David conheceu profundamente a enormidade da sua culpa, e a contrição espremeu dos seus olhos lagrimas abundantes. Separado, e recluso no mais recondito do seu Palacio, lançado sobre a terra, envolto no pó, coberta a sua cabeça com a cinza, vendo correr os seus dias, abrolhados de angustias, na penitencia, e no jejum ; parece-lhe, a cada instante, que a sombra ensanguentada de Urias volteja diante dos seus olhos.

Em um desses momentos, em que o seu coração era mais vivamente delido pela dôr, elle ergue o seu rosto, unido com o pavimento, levanta-se, toma em suas mãos convulsas a harpa, que ja-

zia no silencio, e no desprêso, fita, como n'um extasis, os seus olhos no Céo, ensaia ligeiramente seus dedos sobre as cordas, tira os primeiros sons, e n'um transporte da mais expressiva ternura, rompe, debulhado em lagrimas, n'um cantico doce, sentimental, e repassado de melancolia. Sua sensibilidade se exalta mais, e mais, suas paixões estão em movimento, e a flexibilidade dos seus sons exprime o tumulto de sua alma, agitada pela contrição. Elle implora a misericordia daquelle, que é a bondade por essencia. Deus acolheu o seu Psalmo, e os ultimos accentos da sua harpa, ainda retinem brandamente na abobada celeste.



## **PARAPHRASE PRIMEIRA:**

PSALMO L.

*Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.*

*Et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam.*

*Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.*

*Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.*

## PARAPHRASE PRIMEIRA.

Tem compaixão, ó meo Deus!  
De mim, que és Pai de concordia,  
Segundo a tua taõ facil,  
Taõ grande misericordia.

E segundo a multidão  
Dos teus dons, das graças tuas,  
Meu mal, minha iniquidade,  
Eu te rogo, que destruas.

Lava-me cada vez mais  
Da iniquidade horrorosa :  
De todo me purifica  
Da minha culpa odiosa.

Meus erros emfim conheço,  
Eu me julgo delinquente,  
E a cada instante descubro  
O meu delicto presente.

*Tibi soli peccavi et malum coram te  
feci, ut justificeris in sermonibus tuis  
et vincas, cum judicaris.*

*Ecce enim in iniquitatibus conceptus  
sum et in peccatis concepit me mater  
mea.*

*Ecce enim veritatem dilexisti : incer-  
ta et occulta sapientiae tuæ manifestasti  
mihi.*

*Asperges me hyssopo et mundabor :  
lavabis me et super nivem de albabor.*

Eu pequei contra ti só,  
Fiz mal na presença tua,  
Hei de fiel confessá-lo,  
Se houver alguem, que te argua.

Para nas tuas palavras  
Justificado existires,  
E daquelles, que te julgaõ,  
Victorioso sahires.

Sou réo, mas bem vés, que eu fui  
No horror da culpa gerado ;  
Que minha Māi criminosa  
Me concebeo no peccado.

Inda assim, tu, que a verdade  
Justo, e fiel sempre amaste ;  
Tu, da sapiencia tua,  
Os arcanos me ensinaste.

Farás aspersaõ co' o hyssopo,  
Serei puro n'um instante ;  
Lavar-me-has, do que a neve,  
Me tornarei mais brilhante.

*Auditui meo dabis guadium et lætitiam: et exultabunt ossa humiliata.*

*Averte faciem tuam à peccatis meis: et omnes iniquitates meas dele.*

*Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.*

*Ne projicias me à facie tua et spiritum sanctum tuum ne auferas a me.*

*Redde mihi lætitiam salutaris tui et spiritu principalis confirmia me.*

De gosto, e de regozijo  
O meu ouvido has de encher,  
E os meus ossos humilhados  
Exultaráõ de prazer.

Aparta meu rosto santo  
Dos crimes, com que te agravo,  
E extingue as iniquidades,  
Das quaes me tornarei escravo.

Cria, ó Deos, dentro de mim,  
Casto, e puro, um coraçaõ,  
Renova em minhas entranhas  
O esp'rito de rectidaõ.

Naõ me lances, naõ me affastes  
Do meu semblante, Senhor !  
Nem da minha alma retires  
Teu espirito de amor.

Da tua doce assistencia  
A alegria em mim derrama,  
E nas graças principaes  
Me fortifica, e me inflamma.

*Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur.*

*Libera me de sanguinibus Deus, Deus salutis meæ: et exultabit lingua mea justitiam tuam.*

*Domine, labia mea aperies et os meum annuntiabit laudem tuam.*

*Quoniam si voluisses sacrificium dedissem utique: holocaustis non delectaberis.*

*Sacrificium Deo spiritus contributus: cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies.*

Ensinaréi aos iniquos  
Teus caminhos, que me encantaõ,  
E a ti se converteráõ  
Os impios, que a terra espantaõ.

Deus, ó Deus, meu Salvador !  
Dos homicidios me exime,  
Celebrará minha lingoa  
Tua justiça sublime.

Senhor ! abrirás meus labios,,  
Exhalaráõ doces hymnos,  
Annunciando entre os Póvos  
Os teus louvores divinos.

Se hum sacrificio quizesses,  
O hiria prompto off'recer,  
Porem sei, que os holocaustos  
Já te naõ causaõ prazer.

He para Deus digna offrenda  
O espirito atribulado :  
Hum coraçao não desprezas  
Puro, contracto, humilhado.

*Benigne fac, Domine, in bona voluntate tua Sion : ut œdificantur muri Jerusalem.*

*Tunc acceptabis sacrificium justitiae,  
oblationes et holocausta : tunc imponent  
super altare tuum vitulos.*



Trata, Senhor, brandamente,  
E com ternura a Siaõ:  
As muralhas de Solima  
Edificadas serão.

Entaõ has de receber,  
Da humana prole submissa,  
Hum sincero sacrificio,  
Sacrificio de justiça.

Entaõ holocaustos mil,  
E oblações has de acceitar:  
Entaõ mil tenros novilhos  
Se hão de pôr no teu Altar.





## **PARAPHRASE SEGUNDÁ.**



## SEGUNDA PARAPHRASE.

Compaixão, oh ! meu Deus ! de mim piedade,  
Tão conforme à grandeza,  
Com que mesmo, inda aos máos, Senhor ! trans-  
Essa misericordia sem limites ! mites

E segundo a extensão das graças tuas,  
Eu te rógo, que apagues,  
Terno Pai ! Deus fiel ! Deus infinito !  
Meu funesto, execrando, e atroz delicto !

Da culpa, enorme culpa, que me opprime,  
Amplamente me lava :  
Dos meus erros assim purificado,  
Não haja em mim, nem sombra do peccado.

A iniquidade minha reconheço,  
Sei, que sou criminoso :  
Quero esquivar-me á culpa, que me segue,  
E em toda a parte a culpa me persegue.

Pequei, mas contra ti pequei somente,  
Tu viste o meu delicto :  
Confesso-o, para que te justifiques,  
E vencedor, dos que te julgaõ, siques.

C ..

Eu fui no horror da culpa concebido,  
Gemo afflito em seus ferros:  
Do crime enorme um fructo desgraçado,  
Por minha māi no crime fui gerado.

Porem tu, que a verdade sempre amaste,  
A conhecer me deste  
Arcanos teus, profunda sapiencia,  
Escondidos á humana intelligencia.

Co' o hyssopo, oh! Deus! me aspergerás cle-  
Límpo serei de todo : mente!  
Lavar-me-has, e, cheio de candura,  
Brilharei muito mais, que a neve pura.

Darás ao meu onvido inda algum dia,  
Gózo, e prazer suave,  
Em cinza lutalenta, em pó tornados,  
Exultarão meus ossos humilhados.

Aparta pois, aparta dos meus crimes  
O teu rosto piedoso,  
E uzando assim comigo de bondade,  
“ Delida tique a minha iniquidade”

**Sem mancha, um coração, candido, e similes,**  
Cria, oh! Deus! em meu peito!  
**E essa voz int'rior, que o mal reprova,**  
Esse espirito justo, em mim renova.

**Não me affastes jámais, jámais me lances**  
Da face compassiva:  
**Não retires de mim, oh! Deus augusto!**  
Teu Espírito amavel, santo, e justo.

**Concede-me o prazer, dá-me alegria**  
Com a tua assistencia,  
**E minha alma, que em ti se esteia, e firma,**  
No principal espirito confirma.

**Ensinaréi solícito aos perversos**  
Teus direitos caminhos,  
**E á luz, á Graça tua, hão de mover-se,**  
Hão de a ti, mesmo os impios, converter-se.

**Deus! oh! Deus salvador! não mais permittas,**  
Que verta o sangue humano!  
**Grata, á Justiça tua, modulados,**  
Soltará minha lingua hymnos sagrados.

Meus labios abrirás, mil sons cadentes,  
Hirão levar aos Póvos,  
Ten sublime louvor, que o pasmo excite,  
E pare, aonde o mundo houver limite.

Se acaso sacrificios tu quizesse,  
Fiel t'os offerecera :  
Mas eu sei, que não devem agradar-te :  
Não podem holocaustos deleitar-te.

He á Deus oblação justa, e perfeita,  
Um peito penitente :  
Nudea, Senhor! por ti foi desprezado  
Constricto um coração, terno, humilhado.

Trata emfim com brandura, e suavidade  
A Sião, que te invoca :  
Seus destinos assim tendo seguros,  
Possa Jerusalém erguer seus muros.

Então receberás um sacrifício  
De solemne justiça,  
Oblações, holocaustos sumptuosos,  
E no Altar os novilhos mais mimosos.

## **PARAPHRASE TERCEIRA.**



## TERCEIRA PARAPHRASE.

Piedade! oh! meu Deus !  
De mim compaixaõ,  
Segundo a extensaõ  
Do teu grande amor !  
E segundo as graças,  
Os dons, que dispensas,  
As glórias immensas,  
De que és o Senhor ;

Tu me purifica,  
Ser immaculado !  
Destroe o peccado,  
Com que te offendí.  
Do crime horroroso,  
Que tanto te agrava,  
Mais, e mais me lava,  
Sei, que delinqui.

Torna-me sem mancha,  
Senhor infinito !  
Do negro delicto,  
Que excita meus ais.

Tremendo, conheço  
Minha iniquidade,  
Sei quanta maldade  
Fiz entre os mortaes.

Ou tímido fuja,  
Ou volte a buscar-te,  
Sempre, em qualquer parte,  
Men delicto está !

Pequei contra ti,  
Mesmo aos olhos teus,  
Tu viste, oh ! meu Deus !  
De mim, que será !

Confesso, que existo  
No peccado incurso,  
Sei, que o teu discurso  
Verdades contem.

Digo quanto és recto  
Nas tuas sentenças,  
Para que tu venças,  
Julgando-te alguém.

Eu fui concebido  
Na dor, e no estrago,  
Que o terrivel drago  
No mundo espalhou.

Envolta nos males  
Da culpa affrontosa,  
A māe criminosa  
No mal me gerou.

Amaste a verdade,  
Dos Céos lume augusto,  
Por isso o que he justo  
Nos fazes sentir.

Entaõ teu saber,  
Occulto aos humanos,  
Misterios, arcanos,  
Fizeste-me ouvir.

Co' o hyssopo, saudavel  
Farás aspersaõ,  
Limpo, desde entaõ,  
Por ti me verei.

Mais puro, e brilhante,  
Do que a neve pura,  
Alvor, e candura,  
De todo serei.

Ha de o meu ouvido  
Teus sons acolher,  
E hum doce prazer  
Entaõ lhe has de dar.

Escutando alegres  
Accentos bemdictos,  
Meus ossos afflictos  
Teraõ de exultar.

Aparta os teus olhos  
Das minhas offenças,  
E culpas immensas  
Destroe de huma vez.

Dá-me hum coraçaõ,  
Taõ casto, e taõ puro,  
Que o julgue seguro,  
Aquelle que o fez.

Renova a justiça  
Em minhas entrankas,  
E graças tamanhas  
Jámais tenhaõ sim.

Jámais do teu rosto  
Me affastes, Senhor !  
O Esp'rito de amor  
Não lances de mim.

Ah ! dá-me o prazer  
Da tua assistencia,  
E a minha existencia  
Confirma em teus dons.

Direi aos iniquos,  
Por exemplos meus,  
Que os caminhos teus  
Saõ rectos, e bons.

Assim attrahidos,  
Por meios diversos,  
A ti os perversos  
Se hão de converter.

Livra-me, eu te rogo,  
De ser delinquente,  
De sangue inocente  
Na terra verter.

Sim, livra-me, ó Deus !  
Deus de salvação !  
De luz ! de perdão !  
Senhor de Israel !

Exultando a lingua,  
Sólta ás prizões suas,  
As justiças tuas  
Cantará fiel !

Agita meus labios,  
Oh ! Nume ! oh ! Senhor !  
Teu almo louvor  
Farei resoar.

Se algum sacrificio  
Quizesses hum dia,  
Eu mesmo o traria  
Ao teu mesmo Altar.

Mas naõ te deleitaõ  
Victimas de sangue :  
O novilho exangue  
Naõ queres mais ver.

Oppresso, gemendo,  
Hum peito magoado,  
Constricto, humilhado,  
O hirás acolher.

Tracta com ternura  
A tua Sião :  
Naõ tenha afflicçaõ,  
Nem susto, nem dor.

Que veja os seus muros  
Fieis circunda-la,  
Altivos orna-la,  
Dando-lhe esplendor.

Entaõ oblações,  
Entaõ holocaustos,  
Em dias taõ faustos  
Contente verás.

Entaõ de Israel  
Os votos ditosos,  
Novilhos mimosos  
Nas aras terás.



## PSALMUS XXXIX.

*De profundis clamavi ad te Domine,  
Domine, exaudi vocem meam.*

*Fiant aures tuæ intendentæ in vocem  
deprecationis meæ.*

*Si iniquitates observaveris, Domine,  
Domine quis sustinebit?*

*Quia apud te propitiatio est: propter  
legem tuam sustinui te Domine.*

Dos abysmos mais profundos  
Eu clamei a ti, Senhor!  
Ah! naõ deixes, terno Pae!  
De escutar o meu clamor.

Teus ouvidos compassivos  
Prestem fiel attençao  
Ao meu rôgo humilde, e justo,  
A' minha deprecaçao.

Se esquadriňhares os crimes  
Daquelle, que te offendere,  
Senhor! na presença tua  
Quem se poderá soster?

Mas tu és todo clemencia,  
E eu sempre em ti confiei,  
Por causa dos teus preceitos,  
Por causa da tua Lei.

*Sustinuit anima mea in verbo ejus :  
speravit anima mea in Domino.*

*A custodia matutina usque ad noctem,  
speret Israel in Domino.*

*Quia apud Dominum misericordia ;  
et cupiosa apud eum redemptio.*

*Et ipse redimet Israel ex omnibus  
iniquitatibus ejus.*

---

Minha alma crêo na palavra  
Do Senhor Deus de Israel :  
A minha alma esperou n'elle,  
Pois sabe, quanto he fiel.

Desde o clarão matutino,  
Que dos Céos rompendo vem,  
Até que a noite appareça ;  
Espere Israel tambem.

Espere, porque elle he justo,  
E cheio de compaixão ;  
Porque só nelle se encontra  
Copiosa redempção.

Firmado em tanta bondade,  
Israel exultará ;  
Por ver, que dos seus delictos  
Elle mesmo o remirá.

---

## PSALMO CXXXVI.

*Super flumina Babylonis, illic sedimus  
et flevimus: cum recordaremur Sion.*

*Super flumina Ba-  
bylonis illic sedimus  
et flevimus: cum re-  
cordaremur Sion.*

Em Babylonia,  
Onde habitamos,  
Nos assentamos  
Nas margens tristes,  
Que os rios dão,  
Ali, chorosos,  
Nos lamentámos,  
E recordámos,  
Posto que em vão,  
Da nossa Patria,  
Terna Sião.

*In salicibus in  
medio ejus, suspen-  
dimus organa nos-  
tra.*

Pelos salgueiros,  
Que descubrimos,  
Destribuimos  
Os instrumentos,  
Cheios de dôr.  
Dos ramos pendem,  
(Quanto sentimos!)  
Nos os ouvimos,  
Causando horror,  
Soar dos ventos  
Pelo estridor.

*Quia illuc interro-  
gaverunt nos, quia  
captivos duxerunt  
nos: verba cantico-  
rum.*

Então aquelles,  
Que nos captivaõ,  
Os que nos privaõ  
Da liberdade,  
Com seus grilhões ;  
Aquelleſ mesmos,  
Que o pranto avivaõ ;  
E que motivaõ  
Taes afflictões ;  
São os que pedem  
Nossas canções.

*Et qui obduxerunt  
nos: Hymnum can-  
tate nobis de canti-  
cis Sion.*

Os que da Patria  
Nos desterráraõ,  
Ledos clamáraõ :  
« Deixai o pranto,  
« E erguei a vóz.  
« Alguns dos hymnos  
« Que aos Céos voáraõ ;  
« Que retumbáraõ,  
« Já entre vós,  
« Soltai dos labios,  
« E ouçamos nós »

*Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?*

« Como he possivel  
(Lhes respondemos)  
« Que os entoemos,  
« Entre as angustias  
« Que vós nos daes?  
« Na terra alheia,  
« Onde gememos,  
« Como os daremos,  
« Soltando ais,  
« Ao Deos amigo  
« De nossos Pais? »

*Si oblitus fuero  
tui, Jerusalem, obli-  
vioni detur dextera  
mea.*

*Adhærerat lingua  
mea faucibus meis,  
si non meminero  
tui.*

Sião ! que foste  
Nossa ventura !  
Se esta ternura,  
Que tu me causas,  
Se amortecer ;  
Eu sinta a dextra,  
Pouco segura,  
Inerte, ou dura,  
Se entorpecer ;  
E a minha lingoa  
Sem se mover.

<p><i>Si non proposue- ro Jerusalem in principio lætitiae meæ.</i></p>	<p>Todo este damno, Que o mal sublima, Então me opprima : Sentindo Eu fique Tão grande mal ; Se tu não fores, Terna Solima ! (No estranho clima, Que me he fatal) Dos meus disvellos O principal !</p>
<p><i>Memor esto, Do- mine, filiorum E- dom, in die Jerusa- lem :</i></p>	<p>Ah ! não te esqueça, Bondade augusta ! A prole injusta De Edom, pois della Meu damno sai.</p>
<p><i>Qui dicunt : Exi- nanite, exinanite usque ad fundamen- tum in ea.</i></p>	<p>Bradou irada (Quanto me assusta !) « Co'a mão robusta « A esmigalhai, « Seus fundamentos « Anniuillai »</p>



## PSALMO CXVI.

*Laudate Dominum omnes gentes : laudate eum omnes populi.*

*Laudate Domini omnes gentes : laudate eum omnes populi.*

*Quoniam confirmata est super nos misericordia ejus : et veritas ejus manet in æternum.*

Nações do mundo !  
Vastas Nações !  
Dai a Jehova  
Ternas canções.

Louvai, oh ! Póvos !  
Sua memoria !  
Do Deos Excelso  
Retumbe a gloria.

Piedade sua  
Dos Céos baixou,  
E sobre os homens  
Se confirmou.

Os Céos, e a terra  
Podem cahir :  
Delle a verdade  
Tem de existir.



**SYNOPSIS.**



# SYNOPSIS

DAS

## GRAÇAS POETICAS

DO

### PSALMO XVII.

**Q**UE de bellezas que encerra esta parte do Psalmo XVII! Que accumulação de sublimes pensamentos! Que dexteridade de pincel, e que energia de cores!

O Rei Propheta sólta um grito de angustia contra os seus inimigos, e este clamor, semelhante ao rebombo do trovão, penetra o ouvido do immortal! Deos se enche de ira contra os perseguidores do Justo, e de repente a terra se agita em convulsões. Os montes abalados vacillaõ, e ondeiaõ, desde a

profundidade das suas raizes. Caliginosas nuvens de fumo rolaõ em turbilhões pelos ares, e da face de Deos rebenta um fogo devorador, que se revolve em brazas. Subito o Senhor da Natureza faz, que os Céos, escapando do seu ponto fixo, se curvem, e se abatão, para lhe servirem de assento. As trevas negrejaõ, e vaõ apinhar-se, cheias de submissão, debaixo dos pés do Todo-Poderoso. Elle desce, e os Cherubins são os palafrrens, em que monta. Voou, e voou sobre as azas dos ventos. Os ventos, por esta magnifica expressão, por esta prosopopeia sublime, tomaõ hum corpo, tem vida, tem movimento, e sostentaõ nas suas rapidas plumas o Deos da creaçao do Universo, que descança, como em seu coche, sobre os Poderes celestes, e vai registrar essas regiões de Sóes, e percorrer a imensidate do espaço. O pavilhão, que resguarda, e esconde o Ser dos Seres, he huma agoa espessa, e tenebrosa, que se concentrou nas nuvens. As nuvens retalhaõ-se atemorisadas, sentindo-se

feridas pelos oceanos de luz, que rompem, e se derramaõ da face do Arche-typo supremo. Ellas começaõ a desatar-se em chuveiros de pedra, e de carvões em braza. O trovão rebôa, e se prolonga immediatamente pela extensão indefinita. O Senhor das vinganças despede settas, multiplica os relâmpagos, e devasta seus contrarios. Tomanas de sobresalto, e de medo, as agoas recuaõ, e desapparecem de superficie do Globo, e a terra, conturbada, e revolvida por esta scena da estrago, presenta-se despida, e núa aos olhos do Omnipotente. Entaõ se mostraõ descarnados, e medonhos os seios dos abyssos. Observaõ-se as concavidades profundissimas da nascença das agoas, e os interminaveis sorvedouros, em que rolavaõ todas essas torrentes enormes: saõ emfim devassados, e patentes os alicerces, e fundamentos do mundo. Esta destruiçao toda, e todo este horror, he o effeito do sôpro impetuoso da ira de Deos !

Que pôde agora haver na imaginacâ

dos homens, nos seus livros, e nos af-  
fouts delirios das suas mais bellas con-  
cepções poeticas, que se compare com  
a magnificencia, e novidade deste qua-  
dro !



IMITAÇÃO DA MAIS BELLA, E SUBLIME  
PASSAGEM, DO

PSALMO XVII.

*Diligam te, Domine, fortitudo mea.*

De angustias rodeado,  
Invoquei o Senhor, o Ser dos Seres ;  
Desprendi minha voz, braudei-lhe afflito,  
E elle ouvio do seu Templo augusto, e santo,  
Meu doloroso grito.  
Então (quantos portentos !)  
A terra espavorida oscilla, e treme :  
Os montes bambaleiaõ  
Desde os seus fundamentos ;  
E, das iras trazendo todo o pézo,  
O Immortal apparece em furia acceso.  
Logo ao signal da cholera espantosa  
Vacillaõ pelos ares  
Mil turbilhões de fumo.  
Incendio todo, o rosto sempiterno  
De si exbala, e sólta,  
Rôxas lingoas de fogo,  
E nas iradas faces  
Carvões accesos lhe scintillaõ tremulos.  
Acenou : de improviso os Céos se abatem,

E parece juntarem-se co' a terra.  
Já desce magestoso,  
Escorando assombroso  
Nas trevas os seus pés omnipotentes.  
Rápido então firmou-se  
De hum Cherubim nas plumas scintillantes.  
Assustados, aovê-lo,  
Em torno delle os ventos se apinháraõ,  
E, curvos, e tremendo,  
As azas estendendo,  
Sobre as azas o tomaõ, lá voáraõ.  
Lá corre, e lá registra  
A immensidade azul, que enseitaõ globos.  
Parou: quiz occultar-se,  
Quiz, e foi tudo trevas.  
Ei-lo em seu pavilhão de nevoa espessa !  
Que silencio profundo ! .. .  
Que estranha escuridão ! profunda noite ! .  
Caliginosas nuvens o concentraõ,  
Prenhes de mil choveiros :  
Mas seu rosto inflammado  
Rompe em raios de luz ; que los Ceos assom-  
Logo ao fulgor sagrado braõ :  
De medrosas as nuvens se romperaõ,  
Graniso assustador, carvões em braza,  
Sobre a terra choveraõ.  
Ao mesmo tempo dos trovões o estalo  
Já vai de globo em globo retumbando...  
He a voz do Immortal, que está soando !  
De pressa, ao escuta-lo,  
Borbotões de saraiva se derramaõ,  
E retalhaõ as nuvens

Espadanas de fogo.  
No meio deste horror despede settas,  
Fere a turba dos impios,  
Abre, e comprime os Céos, n'um só instante,  
Multiplica os relampagos  
Sua mão fulminante :  
Os perfidos flagella, cauteriza,  
Arruina, devasta, polvoriza.  
Ao ver estrago tanto,  
A terra, em convulsões, nuta em seus eixos,  
De terror, e de espanto  
Mostra as rôtas entranhas :  
As voragens, os seios dos Abysmos,  
Se escancaráo, gemendo.  
Nóto as concavidades,  
Em que os mares rolavaõ :  
As origens das agoas se conhecem,  
E do orbe os fundamentos me apparecem.





# PSALMO XVII.

DILIGAM TE DOMINE FORTITUDO MEA.

*In tribulatione mea invocavi Dominum: Et ad Deum meum clamavi.*

*Et exaudivit de templo sancto suo vocem meam: et clamor meus in conspectu ejus intonuit in aures ejus.*

*Commota est et contremuit terra: fundamenta montium conturbata sunt et commota sunt, quoniam iratus est eis.*

*Ascendit fumus in ira ejus, et ignis à facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.*

*Inclinavit cælos et descendit: et caligo sub pedibus ejus.*

*Et ascendit super Cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum.*

*Et posuit tenebras latibulum sum, in circuitu ejus tabernaculum ejus: tenebrosa aqua in nubibus aeris.*

*Præ fulgore in conspectu ejus nubes transierunt, grando et carbones ignis. Et*

*intonuit de Cœlo Dominus et altissimus dedit vocem suam: grando et carbones ignis.*

*Et misit sagittas suas et dissipavit eos: fulgura multiplicavit et conturbavit eos.*

*Et apparuerunt fontes aquarum: et revelata sunt fundamenta orbis terrarum.*

## **ILLUSTRACÕES.**



# ILLUSTRACÕES AO PSALMO

MISERERE MEI DEUS.

## NOTA PRIMEIRA.

E a cada instante descubro  
O meu delicto presente.

*Et peccatum meum contra me est semper.* E tenho sempre o meu peccado diante dos meus olhos. Traducçao do Padre Pereira.

Não he pois como entenderão alguns (e o mais he, que até o P. Sarmento) *o meu peccado está sempre contra mim.* Neste sentido se exprimio o Padre Manoel Simões Barruncho na sua Paraphrase ao *Miserere*, que se acha na Collecção de Obras Moraes, inserta na sua *Centuria Metrica*. He esta a copia do Barruncho.

Agora já reconheço  
Que foi meu mal infinito,  
Não só feito contra vós,  
*Contra mim tambem o sinto.*

Francisco Dias Gomes, traduzindo livremente este Psalmo em uma Elegia, que consagra a Paixão de Christo, se lhe não deo a mesma intelligencia do Padre Barruncho, parece não ter desenvolvido o pensamento com a clareza precisa. Tal he a sua versão.

Conheço onde me tem precipitado  
O meu delicto máo, que enfurecido,  
*Sempre contra mim vejo conspirado.*

Mas o Desembargador Domingos Maximianno Torres (Alfeno Cyntio) e depois delle o Padre Antonio de Souza Pereira Caldas, e recentemente a Excellentissima Condeça de Oyenhausen, que verterão este mavioso, e enternecidio Cantico, o entenderão neste lugar, como deviaõ. Leamos Alfeno Cyntio nos seus *Ensaios Metricos* sobre a Paraphrase 'dos Psalmos.

*Meu peccado ante mim gyra  
Quer no leito, quer na meza,  
Ao meu lado sempre está.*

O P. Caldas fez duas traduccões. Aqui temos a primeira.

*E perante os meus olhos trago sempre  
A minha iniquidade.*

Diz elle na segunda

*Sempre trago ante os meus olhos  
O que fiz, peccado horrendo..*

Resta a Condeça de Oyenhausen. Ela.

*O meu peccado sempre tenho a vista.*

Assim Lagonegro, Bispo de Ravello, na sua lindissima Paraphrase, que vem no Itinerario Breve.

Conosco, buon Dio,  
L'iniquo misffatto,  
Che ingrato me ha fatto  
A tanta bontá.

*Ahi che egli sugli occhi  
Me é sempre presente.*

Tambem o Abbade Metastasio em uma traducçao paraphrastica, que se acha no undecimo tomo das suas Poesias, Edição de Torino de 1787, posto que empregou a expressão *contra mim*, disse antes : Que por toda a parte, que lançasse as vistas achava o seu *delicto* presente.

*Ovunque il guardo giro  
Vedomi i falli appresso,  
Che contro de me stesso  
Tentano d'infierir.*

O mesmo se acha na traducçao de alguns Psalmos, que vem no tomo decimo das Obras de P. Corneille.

*Je ne me trouve en auccuns lieux  
Ou d'un se noir forfait l'image ne me tue,  
Et de quelque coté que je porte la vue,  
Elle frappe aussitot mes yeux.*

O mesmo na exposiçāo paraphrastica do Psalterio, e dos Canticos do Breviario por José de Valdivielso, que se acha no Hespanhol.

Que las traygo (las culpas) *de lante de mis ojos.*

Deparei com o Ritual das Orações communs, e Administração dos Sacramentos nas Igrejas reformadas, de Inglaterra, e Irlanda, Edição de Londres 1814. The Book of common prayer, and Administration of the Sacraments &c. &c. &c., e descobri duas versões do Psalterio, uma em prosa, e outra em verso, sendo feita a ultima por N. Brady, e N. Tate. Acho na traduçāo em prosa : *o meu peccado está sempre diante de mim.* For I acknowledge my faults : and my sin is ever before me.

Lê-se nos seus versos : Eu confesso o meu crime, e vejo quanto he grande a minha culpa.

For I confess my crime and see  
*How great my guilt has been.*

Saci traduz do mesmo modo : J'ai toujours mon peché *devant les yeux*. E as Horas, que se imprimiraõ por ordem do Cardeal de Noaille, Arcebisco de Pariz para uzo da sua Diocese, trazem tambem : Mon peché m'est *toujours present*. O litteratissimo Pompeo Sarnelle, Bispo de Biseglia, explicando, no terceiro tomo das suas *Cartas Ecclesiasticas* as diversas frases, e idiotismos das linguas, Hebraica, e Grega, assiu se exprimio na Carta 14 « Tratemos de outros diferentes modos de fallar, como no Psalmo 50. *Peccatum meum contra me est semper*. Isto naõ quer dizer, o meu peccado me he contrario, porem sim está diante dos meus olhos.. » Ma veniamo altri modi dedire. PS. 50. *Peccatum meum contra me est semper. Non dice il mio peccato mi è contrario; ma vuol dire mi è semper agli occhi.*

Escutemos o Cardeal Hugo « *O meu peccado me está sempre presente* : isto he (diz elle) por sua consciencia aguilhada pelo remorso » *Peccatum meum contra me est semper, id est, in consti-*

entia remordente. Que he o mesmo, que dizer : *Pela presença do meu crime.*

Talvez bastasse João Lorino, que se explica na materia por uma grande affluencia de expressões synonymous « *O meu delicto* (escreveo elle) *me está sempre presente* ; e esta lição (continua Lórino) foi abraçada por Agostinho, e por Innocencio, Autor das *Questões d'um, e d'outro Testamento*. Parapbraste o interpretou, e lêo tambem assim : *A minha vista, isto he, gyra diante dos meus othos, tenho-o diante de mim, elle me he presente, não o posso esquecer, eu o trago á memoria, revolvo-o no pensamento, recordo-o sem cessar, elle se me faz encontradiço, e ultimamente fixou se, e permanecko defronte do meu rosto* « *Delictum meum coram me est semper, quam lectionem sequitur Augustinus, et Innocentius, auctor quæstionum utriusque Testamenti. Paraphraste quoque legit in conspectu meo. id est versatur in oculis, gesto illud ante me, mihi præsens est, non depono memoriam illius, recolo, recordor, recogito, objecit*

*mihi . statuit illud contra faciem.*

Bonon diz o mesmo, e accrescenta =  
Sic enim accipitur *coram*. pro *contra* =  
Dizem o mesmo Le Blanc, e innumera-  
veis, não omittindo o Arcebisco de Fi-  
renza (Martini) que se exprimio deste  
modo : *E' mio peccato me stá sempre  
davanti* Traducç. des Psal. tom. 13.

Por ultimo o Abade Soinnet na sua  
moderna traduç̄o da Biblia, cuja edic-  
ção he de 1839 exprime-se deste modo  
em suas notas ao Psalmo L. David (disse  
elle) presenta, como um motivo, para  
alcançar o perdão, que implora, a mes-  
ma confissão, que faz do seu crime —  
Peccatum meum contra me est semper —  
Eu jámais o esqueço (amplifica o Abba-  
de Soinnet) sinto continuamente a con-  
fusão, que me causa semelhante delicto,  
e julgo, que o meio de o fazer esquecer  
he recordar-me constantemente delle, e  
supplicar-vos, que mo perdoeis — Si tu  
ponis illud ante te, Deus illud non ponit  
ante se — Disse S. Jeronimo . . *Mi mal-  
dad . . . se me presenta tal, qual es horri-  
bile y abominabile.* O P. Scio.

## NOTA SEGUNDA.

Para nas tuas palavras  
Justificado existires,  
E daquelles, que te julgaõ,  
Victorioso sahires.

*Ut justificeris in sermonibus tuis, et  
vincas cum judicaris.* Quer dizer, se-  
gundo a traducçao do P. Pereira : *Para  
que tu sejas reconhecido justo nas tuas  
palavras, e saias vitorioso nos juizos,  
que se farão de ti.* E pela do Sarmento  
(que parece ser a mesma cousa). *Assim  
o confesso, Senhor, para que sejaes reco-  
nhecido justo nas vossas palavras, e fi-  
queis vencedor nos juizos, que contra vós  
se fazem.*

Não se aproxima tanto ao texto, co-  
mo deveria o P. Barruncho :

Foi pois em vossa presença  
O peccado commetido,  
Serão bem justificados  
Os vossos altos juizos.

Francisco Dias Gomes omittio esta passagem, e Domingos Maximiano he tão espraiado, tão redundante, tão demaziadamente paraphrastico em quasi toda esta lucubraçāo, que as vezes mal se lhe pôde apanhar o sentido do texto. Uma imitaçāo não seria mais livre. Elle não deixa entrever n'esta passagem, que Deus será julgado por aquelles, que desconfiando da sua justiça, ouzarem censura-lo, e chamar suas acções á discussāo, e ao juizo, que houverem de fazer delle, sendo esta a verdadeira intelligencia: limita-se unicamente á resignaçāo do Propheta Rei com a sentença, que Deus, como Juiz, lhe quizer exarar.

Pequei sim, pequei, mas pende  
De ti só a minha sorte,  
Dá-me a vida, ou dá-me a morte  
Já que és Juiz, e Rei.  
De ti justo, e omnipotente,  
Para quem appellar posso?  
Se me julgas delinquente,  
Teu Decreto adorarei.

O Padre Caldas nas duas versões, que fez d'este lugar, deixou-se ir pela mesma vereda, e na segunda não só se apoderou do pensamento do Dezembargador Torres, mas tambem das palavras, e até o imitou na mesma metrificação lyrica, posto que seja constantemente longa a terceira syllaba em cada um dos versos de Alfeno Cyntio, em toda a sua composição, a maneira das Cançonetas de Metastasio, e de outros Poetas Italianos, prizaõ á que se não quiz dar o P. Caldas. Disse este na primeira traduccão :

..... Mas para que tua palavra  
Seja justificada,  
Quando em tremendo juizo os meus delictos  
Se julgarem, vencendo tua justiça,  
Valer-me-ha tua piedade.

Disse na segunda :

Eu pequei, de ti sómente  
Pende toda a minha sorte,

Dá-me a vida, ou dà-me a morte,  
Podes tudo, meu Senhor.

Fiz o mal, e tu me vias ;  
Com justiça convencer-me  
Poderás, e sumetter-me  
Do teu juizo ao rigor.

Ainda repete o mesmo em duas va-  
riantes. Lê-se em uma :

Para que sempre justo os teus discursos  
Testemunbes, e venças ao lavrar-se  
A funesta sentença.

Acha-se na outra variante :

Na tua presença  
O mal eu fiz : mas quando o meu delicto  
Houver de ser julgado,  
Vencendo tua justiça, tu piedoso  
Me serás.

He muito para sentir, que a Senhora  
Condeça de Oyenhausen, que entre os  
Traductores Poetas da Nação Portugue-

za, de que tenho noticia, que paraphraseassem os Psalmos, he no meu imperfeito modo de ajuizar, a que o fez de maneira mais poetica, mais accomodada á letra, e em versos mais doces e harmoniosos, se apartasse nesta sua tão bela traducçao do trilho commum dos Interpretes. Ahi temos os versos da correcta, e sonorosa Alcipe :

Para justificar tuas Sentenças,  
Teus sagrados oraculos, confesso,  
Quantas fiz contra ti crueis offensas,  
E quando me julgares,  
Verão justa a vingança, que tomares.

Laganegro he aqui assás arredado da letra, o que bem se collige da passagem seguinte :

Evinci osservando  
Tue belle promesse,  
Amirasi in esse  
Lá tua veritá.

Nada porém he taõ conforme ao sen-

tido do Propheta Psalmista, segundo os Expositores, como a já mencionada versão ingleza em prosa. Assim se exprimiu o Traductor : *Para que tu possas ser justificado em tuas palavras, e sem culpa, quando fores julgado.* Thathou inigh test be justified in thy sayng aud clear when thou art judged.

Esta exacção já não se descobre nos versos : *Ainda que eu seja condenado* (disse o Traductor Poeta) *devo confessar a exactidão do teu juizo.*

And tho comdemned  
Must own thy judgments righl

*Affin che tu sii justificato nelle tue parole, e riportati vittoria, quando sé chiamato in giudizio.* MARTIN.

He fóra de duvida, que na versão Latina, que S. Jeronymo fez do Hebraico, em logar de *vincas cum judicaris* (como se lê na Vulgata Hodierna, correcta, e emendada por elle mesmo, e na versão antiga, recebida antes d'elle), se acha. *Et vinças cum judiçaveris* : mas

que importa? Sabatier, que traz estas trez versões; cita nas notas, que faz a este versiculo, S. Jeronymo mesmo, que o entendeo deste modo: *Et vincas cum fueris judicatus*: sendo digno de attenção o que já se ponderou acima: que corrigindo S. Jeronymo a Vulgata, conservasse n'ella a lição — *Ut vincas cum judicaveris* — Do parecer do Maximo Doutor he a torrente dos interpretes.

Vejamos, como delucida este ponto o Carmelita Bonon « Rogo-te pois ( he « David, que assim falla com Deos, « conforme o pensamento de Bonon) « que venças, mesmo quando és julga- « do. Como se lhe dicesse: Os homens « naõ te julgaõ fiel, e verdadeiro, cum- « pre por tanto as tuas promessas, pa- « ra que triunfes do máo conceito, que « elles fazem de ti, e pelo qual se ani- « maõ a julgar-te. » *Et si rogo ut vincas cum judicaris, quasi dicat. Tu judicaris ab hominibus non verax, ergo imple pro- missa, ut opinionem hominum vincas, qua te judicant.*

Sebastião Gomes de Figueiredo disse no seu livro *Explicatio Psalmi quinagesimi Miserere* . . . Donde resulta (falla tambem David) que se tu perdoares este crime, e preencheres as tuas promessas, serás reconhecido justo, e sahirás vencedor, quando alguém ponderar as tuas obras, e pêzar tuas ações. *Unde fiet si mihi, hanc iniquitatem condonaveris, et promissa servaveris, justus habearis in promissis tuis, et vincas, cum quis facta tua expenderit.*

Depois destas interpretações, e de muitas outras, que concordaõ com esta, não devo passar em silencio, que o P. Paulo Seneri assim se exprime, pela versão Hespanhola , , Para que te justifiques (diz elle) em todas as tuas palavras, e venças, quando julgares : trazendo a margem : *Et vincas cum judicaveris.* Assim se aparta o P. Seneri de tantos Expositores insignes.

Pelas razões expendidas disse eu :

Para nas tuas palavras  
Justificado existires,

E d'aquellos, que te julgaõ.  
Victorioso sahires.

Só os impios podem julgar mal de  
Deos, chama-lo a juizo, e argui-lo de  
injusto.

Seja qual for a sentença, que vós pro-  
ferirdes contra mim (disse, e commen-  
tou o Abbade Soinnet) eu a mereço, e  
não poderei deichar de confessar vossa  
justiça, nos castigos, com que me hou-  
verdes de punir. *Contra vos solo pequé,  
y en voestra presencia cometí la maldad:  
perdonamela. Dios mio, para que seais  
reconocido fiel in vuestras palabras, y  
para tapar la boca a los que pertenden  
acusaros de poco fiel en vuestras pro-  
messas.*

O P. Scio.

## NOTA TERCEIRA.

Deos, ó Deos, meu Salvador,  
Tu de homicidios me exime.

*Libera me de sanguinibus, Deus, Deus  
salutis meæ. Livra-me das minhas ac-*

ções sanguinolentas. Sarmento. “ *Livra-me dos sanguess,,* Diz Pereira, citando na nota Bossuet, que entendeo pelos sanguess *os homicidios, que commettera David*, expondo de vontade deliberada muitas pessoas com Urias a uma morte inevitavel, posto que ahi mesmo transcreva o parecer do Bispo de Hiponia, que tomou pelos sanguess a corrupçāo, que se contrabe na nossa conceiçāo. Todavia os Expositores, que consultei, vaõ todos de acordo, que David falla d'aquelles homicidios a que deo origem o seu consorcio impudico havido com Bethsabea. *Liberami dal reato de sangue.* Martini. *Libera me dalla carnal malizia.* Dante.

*Livrari-me* (disse Soinnet) *do castigo de que me tornei credor, porque derramei injustamente o sangue de Urias.* O sangue (accrescenta Soinnet) em alguns logares da Escriptura toma-se pelo castigo daquelle, que o derrama. Exord. cap. 22. v. 2 e 3. Deuter. cap. 12 v. 8. *Reo suy de muchas muertes injustas, que por mi orden si cometieron : mas perdona-*

me, Dios y Salvador mio, la pena que  
por eso merezco. O P. Scio.

De inimigos livrai-me ensurecidos,  
Deos, Deos da minha bemaventurança.

Assim o escreveo o Illustre Socio da Academia Real das Sciencias em Lisboa, o Traductor dos Canticos de Moysés, de Daniel, e Zacharias. Mas elle mesmo confessa em uma das suas interessantes notas : Que fizera uma imitação, e que tomou para o seu assumpto, o que era mais analogo a contricção de um pecador da Lei da Graça : tendo dito antes : Que era esta peça, o Miserere, mais difícil de traduzir-se, e imitar-se com belleza, e dignidade, que tinha encontrado. Accrescentando depois : *Que nunca vira este Psalmo bem traduzido regularmente.* Parece, que elle tinha razão.

Alem dos Poetas, que tenho citado, e que sei, paraphrasassem os Psalmos, devo memorar Joaõ Baptista Rousseau, posto que não vem a traducção do Mi-

*serere* nas suas Odes sacras : li tambem Saverio Mattei, mas naõ o tenho a mão, para o citar. José Maria Dantas, que tambem traduzio alguns Psalmos, naõ traduzio o Miserere. Eis quanto pude colher, para abonar a traduccão paraphrastica, que submetto ao juizo dos entendedores.

---









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).